

“SOBRE A NECESSIDADE DE CUIDAR DA PERFEITA EDUCAÇÃO”: FLÁVIO MAROJA E SUA POLÍTICA MÉDICO-PEDAGÓGICA

Azemar dos Santos Soares Júnior¹
Ramon Limeira Cavalcanti de Arruda²

Parecia ser um dia de segunda feira qualquer, se não fossem as nuvens escuras que pairavam no céu e derramavam água sobre a cidade de João Pessoa. O nebuloso amanhecer do primeiro dia do mês de setembro de 2014 fez as senhoras e senhores de sobrenome Maroja se emperiquitarem para as comemorações do sesquicentenário do nascimento do patriarca Flávio Maroja, sanitarista que dedicou parte de sua vida ao ofício de medicar na Paraíba, num momento em que se agravava a “má Higiene de nossa capital [...] mais carente e prompto de eficaz remédio”³.

No dia anterior à comemoração do sesquicentenário, o jornal *Correio da Paraíba* tratou de circular nas ruas o convite contendo a programação que contemplava visita ao túmulo no Cemitério Senhor da Boa Sentença, missa póstuma na Igreja da Misericórdia e sessão especial na Câmara Municipal da capital paraibana. A notícia ressaltou ainda a importância de Flávio Maroja para a medicina e para a política da Paraíba. Foi o que afirmou Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, descendente do médico: “meu bisavô que estaria fazendo cento e cinquenta anos, prestou inestimáveis e relevantes serviços à Paraíba como médico, intelectual, deputado e vice-governador”.

Portanto, estes escritos banhados nas águas da História Cultural têm o objetivo de discutir a contribuição médico-sanitária e política de Flávio Ferreira da Silva Maroja para a Paraíba, bem como, reforçar a importância da produção historiográfica no campo da história da saúde e das doenças, área que vem se consolidando no interior da comunidade dos historiadores, especialmente na Paraíba. Assim, libertos da malha asfixiante do exclusivismo proposto pelo campo político-institucional, propomos dar um enfoque cultural a partir da atuação sanitária, suas reivindicações e denúncias, o saber colocado em circulação e os projetos médico-pedagógicos defendidos durante sua vida.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolve a pesquisa intitulada “Fisicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942)”. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus de Guarabira. E-Mail: <azemarsoares@hotmail.com>.

² Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. Diplomata, atuando no Ministério das Relações Exteriores. Pesquisador sobre a biografia de Flávio Maroja. E-Mail: <ramonarruda@gmail.com>.

³ MAROJA, Flávio. “A nossa higiene”. *Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano*, Cidade da Parahyba, n. 3, 1911, p. 433-437.

“O illustre defensor da hygiene”: o médico

Em mim não vejam o homem político, mas o paraibano que desde o início de sua vida pública, em 1889, sempre procurou ser útil a sua terra, amá-la e bem servi-la.

Flávio Maroja, 1940.

Esse pensamento podia ser lido no epitáfio cravado em bronze e colado ao túmulo do médico sanitarista Flávio Maroja, no cemitério Senhor da Boa Sentença. Como político e homem de atitudes moderadas, distribuía, cotidianamente, aos que encontrava seu cartão de médico contendo os mesmos dizeres – *ser útil a sua terra, amá-la e bem servi-la* –, divulgando, assim, o trabalho realizado durante toda a sua vida: as modificações no campo da saúde e da higiene pública na Paraíba. Foi pioneiro no estudo das questões médico sanitárias, fazendo aflorar as primeiras preocupações com a medicalização na cidade da Parahyba. Para melhor entender esse personagem, fizemos a opção de contar um pouco de sua história, que tem início no século XIX.

Dona Francisca Leocádia já havia preparado todo o enxoval da criança com muito esmero, assim como o seu próprio enxoval, contendo camisolas e toucas de linho bordado. Seu marido, Manoel Ferreira da Silva Maroja, desde a notícia da gravidez de sua esposa, mandou cuidar do galinheiro para assegurar as gordas galinhas que “ficavam reservadas para as canjas do resguardo, bem como, um maço de alfazema destinado as defumações, umas casquinhas de romãs secas e um pouco de óleo de amêndoa”⁴. A mãe, prestes a parir, provavelmente já havia perfumado as roupinhas da criança e colocado uma figa rósea de coral para evitar os maus olhados, como mandava a tradição da época.

O cotidiano da Fazenda Chaves, localizada no município de Pilar, ficaria agitado com o nascimento de mais uma criança na família Maroja. Os cuidados com esse nascimento pareciam ser os mais imprescindíveis para a ocasião. A parteira, com longo histórico de nascimentos na família, chegou para realizar o parto com semanas de antecedência, tornando-se quase um membro da casa. Consigo, trouxe a bagagem,

*[...] cuja peça principal era uma cadeira de quatro pés, de altura comum, cujo assento diferia das demais pelo orifício, em meia lua, talhado no assento [...] além da cadeira uma tesoura, fios para o cordão umbelical, um ponto de lã de ovelha para o caso de uma necessidade urgente e o resto era arranjado na própria casa da família.*⁵

Essa mulher, assim como todas as parteiras da época, guardava, em sua memória, o conhecimento do parto e, em seu repertório, uma boa quantidade

⁴ CASTRO, Oscar Oliveira de. *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1945, p. 11.

⁵ CASTRO, *Medicina na Paraíba*, p. 312.

de rezas no caso de anormalidade. Era geralmente chamada de “comadre”. É a mulher que realiza uma série de manobras obstétricas, conduz fortes orações, amarra largas faixas de algodão sobre o ventre das grávidas para comprimi-lo ou, até mesmo, solicita a presença de uma “cueca do marido da parturiente com a finalidade de acelerar o trabalho de parto”⁶. Nossa Senhora do Bom Parto era a protetora das parteiras e das parturientes. Era para ela que se apelava nos casos de complicações durante o parto.

No dia 01 de setembro de 1864, em que o vento frio do fim de inverno solapava os ambientes, Dona Francisca Leocádia sentia suas primeiras contrações. Chegara a hora tão esperada. Corria pela casa um verdadeiro alvoroço: bacias com água quente, as empregadas apressadas iam e vinham, de forma solícita, numa atitude de devotamento, e toda a família preocupada, aguardando o grito do bebê ou o cheiro da alfazema, que era significativo. Pouco tempo depois, nascia a criança, que recebeu por nome de batismo Flávio Ferreira da Silva Maroja, escolhido de um velho almanaque, como era de praxe na época.

Após o parto, em “que tudo correu bem”, as atenções voltaram-se para a criança. O primeiro banho dado pela parteira fora em água perfumada, numa

*[...] grande bacia, em cujo fundo se colocava uma jóia para “dar sorte”; um umbigo recebia um curativo imediato, um pouco de pó fino de romã torrada [...] mãe e filho eram envolvidos em cintos de tecidos fortes e a parturiente, durante o resguardo, tinha que trazer os ouvidos arrolhados com mechas de algodão; era preciso evitar as correntes de ar e, por isso, os quartos se conservavam semi-fechados, enquanto a parteira queimava alfazema em uma vasilha com brasas.*⁷

O corpo da criança era o primeiro a ser higienizado e bem cuidado. O banho perfumado de alfazema, além de afastar os “maus olhados”, servia para retirar do corpo toda sujeira deixada pelo parto. O primeiro banho deveria ser muito bem feito e com cuidado, pois o próximo só ocorreria “no oitavo dia, se fosse morno, e frio, só no fim do resguardo”. A parteira era a responsável pela higienização dos corpos da criança e da mãe, limpando-os todos, trocando os lençóis sujos de sangue e assegurando, por meio do asseio, o combate a qualquer tipo de infecção.

Quando criança, o menino aprendeu as primeiras letras na cidade de Pilar, transferindo-se, já rapazinho, para a cidade da Parahyba, onde cursou, no Lyceu Paraibano, o curso de Humanidades, concluindo-o em 1883. Da Paraíba partiu para Salvador, onde iniciou o curso de médico na “Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo os dois últimos anos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1888, onde defendeu a tese *A talha hypogástrica poderá diminuir as indicações da litotricia e das diferentes espécies das talhas perineais?*”⁸.

⁶ CASTRO, *Medicina na Paraíba*, p. 11.

⁷ CASTRO, *Medicina na Paraíba*, p. 313-314.

⁸ SILVA, Alberto Martins. *Médicos militares paraibanos (século XIX)*. Brasília: CIP, 2009, p. 72.

Fez carreira médica no Exército, ingressando, por meio de concurso, na área do Corpo de Saúde em abril de 1890. Em 1891, foi promovido ao posto de Capitão e enviado para servir em Goiás, assumindo a direção da Enfermaria Militar. Partindo da Paraíba, “fez longa e penosa viagem, naquele tempo, a cavalo, indo servir aquele povo”. Durante sua permanência de quase “um ano em terras goianas, onde desempenhou uma medicina humana, voltada para classe pobre, é vítima de uma beribéri, e vem com licença médica à Paraíba”⁹. Com a saúde fragilizada,

*[...] regressou para o Rio de Janeiro, para ser inspecionado pela Junta de Saúde, quando então recebe o diagnóstico de congestão cerebral e licença para tratamento, com permissão para tratar-se na Paraíba. Assim, de licença, em licença, obteve a demissão do Exército por incapacidade física em 11 de maio de 1894.*¹⁰

Continuou atuando como médico na Cidade da Parahyba, dedicando-se, em especial, a clinicar. Os relatos encontrados sobre o médico são os melhores possíveis, em se tratando de sua personalidade política ou profissional. Oscar de Castro o elegeu “um dos melhores clínicos, e como homem de ciência, um estudioso, senão o maior interessado dos nossos problemas médico-sanitários”; Celso Mariz assegurava ter sido o Dr. Flávio Maroja “um homem equilibrado, honesto, operoso e um cidadão para quem o Estado era entidade sagrada que devia se respeitar, amar e servir acima de tudo”; “um elevado espécime espiritual e moral do passado que bem merece as honras do presente”, ou ainda, nas palavras de Humberto Nóbrega, “um cidadão de peregrinas virtudes morais, profissionais e cívicas, dedicando um zelo especial à Pátria, à família, à profissão e às entidades que pertencia”.

São pertinentes as declarações acerca da figura do médico sanitarista. Elas se acentuam, em especial, durante o momento em que chega à vice-chefia do governo estadual no quadriênio 1920-1924. É válido ressaltar que o discurso médico divulgado nos jornais é fruto de uma relação de poder exercido por Flávio Maroja, em especial, devido às posições políticas que ocupou durante sua carreira enquanto funcionário público e aos cargos de confiança. O discurso do sanitarista é a fala do Estado. Na década de 1920, por exemplo, as denúncias realizadas através de seus textos, nos anos anteriores, cedem lugar a uma série de medidas de higiene moderna, por meio da propaganda. Bastou chegar ao poder político, para “perceber” que a cidade da Parahyba possuía um melhor serviço de higienização e uma melhora na saúde pública. Restava, naquele momento, dar início, no meio médico e depois na sociedade, a uma propaganda, a uma política de educação hígida através das ideias eugenista e higienista que começavam a circular pelo Brasil.

O médico sanitarista sempre afirmava que o Hospital Santa Isabel, o Instituto Histórico e a Sociedade de Medicina constituíam suas principais preocupações.

⁹ SILVA, “Médicos militares...”, p. 72.

¹⁰ SILVA, “Médicos militares...”, p. 74-75.

Porém, vale ressaltar que seu grande trabalho deu-se no sentido da higienização e dos cuidados com a saúde pública. Num momento em que uma série de epidemias – a varíola, a peste bubônica, a influenza espanhola – assolavam a população paraibana, o Dr. Flávio Maroja, atuando como médico do Porto, propôs a criação do *Instituto Vaccinogenico*. É o que revela a notícia abaixo:

*O Governo do Estado e o illustrado corpo médico desta cidade, por iniciativa do Dr. Flávio Maroja, médico da saúde do Porto, estão vivamente empenhados na criação de um instituto vaccinogenico nesta capital. A respeito desse importante melhoramento, entendemos hoje pelo telephone com o nosso amigo dr. Flávio Maroja e este attendendo promptamente ao nosso inquérito, comunicou-nos, cheio daquele entusiasmo que o caracteriza quando se cogita do progresso da terrinha parahybana, que espera ver brevemente realizado o seu objectivo, pois pelas cartas que tem trocado com o seu collega do Recife dr. Eustachio de Carvalho e pela boa vontade que lhe manifestou o Dr. Castro Pinto, pode congratular-se com os seus patrícios pela victória dessa idea tão auspiciosamente acariciada pelos pró-cidadãos parahybanos e de grande momento entre nós.*¹¹

A notícia que circulou no periódico católico faz referência ao empenho do médico sanitariano em criar na capital uma repartição destinada à vacinação para o combate às doenças contagiosas, bem como à figura acessível e solícita que demonstrava ser o médico e político. Prática comum entre alguns políticos da época, pois o jornal *A Imprensa*, da mesma forma que exaltava certas figuras, também fazia severas críticas. A imagem política de Flávio Maroja é amplamente divulgada como “o amigo do povo”, aquele que “cogita o progresso”, que “congratula-se com os patrícios”, que está “vivamente empenhado” e que atende prontamente, “cheio de entusiasmo”, a todos.

Veja em quando sua gerência era atacada por discursos que portavam severas críticas. Os escritos que delatavam injúrias, quase sempre tratavam da falta de apoio dos poderes públicos aos órgãos regidos por seus mandatos. Quando as críticas eram direcionadas ao sanitariano Flávio Maroja, logo publicava-se a defesa. Foi o que aconteceu na edição de *A União* de 21 de fevereiro de 1914. Nessa ocasião, as críticas recaíram sobre o *Instituto Vaccinogenico*, criado e dirigido pelo sanitariano. Logo, o médico clínico da capital paraibana Joaquim Henrique da Silva enviou uma carta ao Dr. Flávio Maroja contendo “affectuosas saudações” e falas em defesa do órgão ao afirmar que compreendia os “dissabores causados pelos injustos ataques á instituição que o illustrado mestre empregou tamanha dose de energia e a que consagra afeição verdadeiramente paternal”, além de assegurar seu “duplo interesse, não só pela estima que lhe consagro, e que com imenso prazer vejo ser

¹¹ *A Imprensa*, Cidade da Parahyba, 09 out. 1913. Grifos nossos.

correspondida, como também por estar sciente do empenho, critério, competência e desinteresse pessoal com que o illustre amigo trabalhou na realização de serviço tão útil”. Na mesma carta, o Dr. Joaquim Henrique ressaltou ainda a importância dos serviços ambulatoriais do Instituto Vaccinigenico:

Posso fornecer-lhe pela observação que, de alguns mezes para cá, venho fazendo dos efeitos da lymphá manipulada em nosso instituto, provas muito seguras de sua efficacia. Desde que esse utilíssimo laboratório deu a consumo as primeiras colheitas de sua lymphá, emprego-a eu a serviço do governo do Estado [...] para instituir o serviço de profilaxia na cidade de Areia levei para ali três sortes de lymphá: paulista, cearense e parahybana, de todas observei caso positivos e casos negativos conforme já lhe communiquei de carta dalli enviada, frisando o facto de várias pessoas inoculadas com nossa lymphá haverem soffrido fortíssima reacção [...] as colheitas dos mezes de janeiro e fevereiro tem dado tão bons resultados que até mesmo em crianças já vaccinadas com proveito, a lymphá já produziu pústulas magníficas acompanhando-se de forte reacção ganglionar.¹²

O médico finalizou a carta dizendo que “Queira o meu illustre mestre acceitar, por conseguinte minhas congratulações pelo successo da empresa que com tanto esforço e patriotismo ideiou e realizou, sob o patrocínio do benemérito Dr. Castro Pinto”¹³. Era querido por seus pares, até mesmo no momento em que não ocupava cargos no poder executivo e/ ou legislativo. Na fala do jornal católico *A Imprensa* que circulou em 09 de outubro de 1913, o governo deveria ser culpado, o amigo Dr. Flávio Maroja, nunca. Daí, alertas como esse abaixo:

Serão baldadas quaisquer medidas nesse sentido enquanto as autoridades competentes não agirem no sentido de livrar a cidade das esterqueiras e depósitos de lixo existente em seus arredores e que são feitos pelos próprios carroceiros encarregados pela prefeitura desse serviço.¹⁴

Já no começo do século XX, Flávio Maroja começou a fazer suas articulações em defesa da higiene pública. Foi na Santa Casa de Misericórdia que atuou fortemente, atendendo a população, local onde surgiram as principais ideias de criação das instituições das quais foi fundador. A *Sociedade de Medicina e Cirurgia*¹⁵ foi pensada para agrupar os médicos, “mostrando como, reunidos,

¹² *A União*, Cidade da Parahyba, 21 fev. 1914.

¹³ *A União*, Cidade da Parahyba, 21 fev. 1914.

¹⁴ *A Imprensa*, Cidade da Parahyba, 09 out. 1913.

¹⁵ Eram membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia os principais médicos da cidade: Dr. Flávio Maroja, J. M. Cavalcanti de Albuquerque, Manoel Veloso Borges, Elpídio de Almeida, José Teixeira

melhor poderiam trabalhar pelo interesse da classe e concorrer para a melhoria da medicina em nosso meio”¹⁶. Criada em 16 de fevereiro de 1924, sob os domínios da Santa Casa de Misericórdia, a Sociedade tinha a função de realizar eventos destinados à divulgação do conhecimento médico para os membros sócios. Nesse sentido, Flávio Maroja, atuando como Vice Presidente do órgão, contribuiu, por sua popularidade e conhecimento científico, para o aumento do número de sócios e, posteriormente, para a criação da *Revista de Medicina*.

Como estudioso do tema da medicalização, estudou “porfiadamente a Shistosomose na Paraíba e tinha sobre esta doença observações próprias”¹⁷, e também aspectos da peste bubônica, além de pesquisar sobre o saneamento no vale do Gramame. Deixou uma vasta produção em forma de artigos, publicados nos jornais em circulação na cidade da Parahyba e na *Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano*. Em “A nossa hygiene, considerações gerais”, Flávio Maroja defendeu nas páginas da *Revista do Instituto Histórico* a necessidade de um estudo que falasse

*[...] sobre a nossa antiga edificação, sem arte e sem esthetica, sem ar e sem luz, ou verse sobre a nossa alimentação, não sujeita a meticulosa fiscalisação, ou verse ainda sobre a água que ingerimos, colhidas quase sempre em fontes onde não se observa sequer os meios de seu asseio e conservação, o resultado será que a hygiene de nossos dias não leva grande vantagem a hygiene que nos legaram nossos antepassados!*¹⁸

Escrito em 1905 e publicado em 1911, o artigo fazia a denúncia da situação de insalubridade da cidade da Parahyba, afirmando que pouco havia mudado em relação aos séculos passados quando se tratava de higiene. Uma cidade relativamente populosa¹⁹ para seu tamanho, mas que “não conhece as regras mais comensais da hygiene domiciliária”. Requisitava uma “phase de remodelamento e utilidade pública”, assim como a construção de canais “d’água e exgôto”, pois só empenhando-se “nessa humanitária campanha salvaremos o futuro das futuras gerações”²⁰.

O texto está dividido em três partes numeradas: na primeira, o autor expõe a situação de insalubridade da capital e a falta de uma educação e/ou propaganda

de Vasconcelos, José de Seixas Maia, Silvino Nóbrega, Joaquim Correia de Sá e Benevides, Octávio Ferreira Soares, Lima e Moura, dentre outros. Durante a segunda metade da década de 1920, as reuniões passaram a ocorrer no salão nobre da Academia de Comercio Epitácio Pessoa, depois se instalando na Rua das Trincheiras, onde foi construído um palacete para ser a sede da Sociedade. Lá eram realizadas as sessões ordinárias e solenes, conferências e eventos científicos, como a Semana de Tuberculose e Semana Antialcoólica. Ver: CASTRO, *Medicina na Paraíba...*

¹⁶ CASTRO, *Medicina na Paraíba...*, p. 374.

¹⁷ CASTRO, *Medicina na Paraíba...*, p. 179.

¹⁸ MAROJA, “A nossa hygiene...”, p. 437.

¹⁹ A cidade da Parahyba possuía cerca de vinte e cinco mil habitantes. Ver: MAROJA, “A nossa hygiene...”.

²⁰ MAROJA, “A nossa hygiene...”, p. 432.

higienista; na segunda, é feita uma comparação entre a cidade da Parahyba e a situação da higiene na capital de outros estados, como Pernambuco e Ceará, sendo que estas capitais, “primam pela sua bella construção, dotada de hygiene natural por ter a vantagem de ser constantemente lavada pela brisa marinha [...] e a saúde pública é completamente garantida por uma polícia sanitária, preventiva e curativa, capaz de admiração”²¹; na terceira e última parte, o autor volta a fazer denúncias sobre a falta de higiene pública, mas já assinalando a possível realização de uma modernização sanitária a partir da atuação dos médicos e dos poderes públicos. Uma etapa importante desse processo seria informar a população dos riscos gerados por jogar lixo e fezes nas ruas, do cuidado com as águas, com os alimentos. Ou seja, uma higienização preventiva, pelo menos enquanto “a nossa municipalidade se aparelhe dos necessários e indispensáveis elementos de acção”²².

Os jornais em circulação na época, a exemplo de *A União* e de *A Imprensa*, eram veículos muito utilizados para a publicação e divulgação das propostas de higiene relacionadas à cidade e, especificamente, ao corpo. Eram notícias que apresentavam um teor médico-sanitário, um caráter de depreciação moral, de prevenção, de informação e de educação. Durante a epidemia de peste bubônica na cidade de Campina Grande em 1912, várias correspondências publicadas no jornal *A União* “contribuíram para informar a população sobre o que se tratava a doença, o que fazer para prevenir e, principalmente, assegurar que o mal não chegasse à capital da Paraíba”²³. O tema envolvendo a higiene do corpo é apresentado de forma mais explícita no artigo *O beijo sob o ponto de vista higiênico*, em que fica visível uma política educacional atrelada a uma conduta moral que envolve os cuidados com a higiene da boca, do rosto e das mãos.

Foi na imprensa que Flávio Maroja deixou

*[...] copiosa produção científica, sobre os mais diversos problemas de higiene e também estudos sobre a agricultura, assim como, um ‘Estudo sobre a cultura do côco, indústria lucrativa e doenças do coqueiro’ [...] e no campo da medicina como [...] amigo particular de Oswaldo Cruz, com quem se correspondia, o ilustre médico tinha amizades, dentro e fora da sua classe.*²⁴

Atuou ainda como poeta, assinou seus versos com o pseudônimo *Gil*. Seus versos, assim como seus artigos, eram cotidianamente publicados nos principais jornais da cidade da Parahyba. Sua poesia variava entre o humor quase trágico, o cotidiano pitoresco e as biografias. Como vemos no poema abaixo:

²¹ MAROJA, “A nossa hygiene...”, p. 436.

²² MAROJA, “A nossa hygiene...”, p. 436.

²³ SOARES JR., Azemar dos Santos. “A ‘mão negra’ do destino: presença da peste bubônica em Campina Grande (1912)”. In: XII Encontro Estadual de História do Ceará, 2010, Crato. *Anais*. Crato: Editora UFC, 2010, p. 01-10.

²⁴ CASTRO, *Medicina na Paraíba...*, p. 179.

Fiasco horrendo!...

*Tinha o Barão de Jattaloque
Uma filha viúva, a Dona América,
Doente, franzina, um não me toque
Porque era, além de tudo, muito histórica.*

*Perdera o seu marido quando inda
Era moça, vivaz e um tanto linda;
E daí, vida torturada;
Dia a dia, se notava, mui agravada,
Por saudades que lhe tinha do espôso,
Que lhe dera um viver sempre de gôso!...*

*Compreendeu o Barão, no mundo feito,
Que p'ra aqui só um remédio, um jeito
Se fazia preciso em tal momento!...
E tratou de arranjar outro marido
P'ra filha que já tinha o pensamento
De dizer ao barão: – nesse sentido!*

A tristeza de Dona América, ocasionada pela morte de seu marido, fez seu corpo ficar “doente, franzina, não me toque”, chegando a experimentar a loucura. Uma história de desgosto tratada em versos humorísticos. A história rimada nos versos de Flávio Maroja, ou melhor, de Gil, o denuncia. Não escapam ao pensamento do sanitarista, que escreve em forma de poesia, aspectos médicos, que aparecem nos termos “doente”, “histórica”, “torturada”, “agravada” e “remédio”, e aspectos referentes à higienização, ao afirmar que a “moça, vivaz e um tanto linda” é fruto do momento em que a beleza começava a ser associada à higiene do corpo, em que “o olhar sobre o corpo se enriqueceu inexoravelmente, acrescentando detalhes estéticos, indicações, palavras”²⁵, uma atenção mais viva à pele, às formas e aos contornos.

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP – “demonstrou a necessidade da fundação de um instituto que se consagrasse ao estudo e ao amor do passado [...] congratulando-se com os promotores dessa nobre idéia”²⁶. Assim, Flávio Maroja divulgava com alegria mais um de seus mimos. O médico, além de ser um dos fundadores, presidiu a casa “por vinte e quatro anos, nos períodos 1907/08 e 1909/32, quando foi eleito Presidente de Honra”²⁷.

A criação do IHGP, em 1905, seguiu o ideal proposto pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB – com o objetivo de “marcar a passagem de um “Brasil sem história” para um “Brasil com história” [...] sistematizar a história do

²⁵ VIGARELLO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 234.

²⁶ MAROJA, Flávio. [Termo da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano]. João Pessoa, 07 set. 1905.

²⁷ GUIMARÃES, Luiz Hugo. *Memorial do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*. João Pessoa: IHGP, 1995, p. 190.

Brasil e, através dela, dar uma identidade à nação”. Assim, uma das “políticas mais importantes empreendidas pelo IHGB foi o incentivo para a constituição de Institutos Históricos locais [...] e a idéia, defendida pelo IHGB é que os Institutos Históricos localizados fariam a História”²⁸. Um modelo que almejava “a construção de um passado que se pretendia singular, embora claramente marcado pelo perfil dos influentes grupos econômicos e sociais que participavam dos diversos institutos”²⁹. Os Institutos locais receberam a missão de construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de suas origens, organizar fatos, escrever a história dos grandes homens.

Com essa proposta, Flávio Maroja e os demais sócios fundadores do IHGP almejavam construir a História da Paraíba. A instituição passaria a ser a grande guardiã da história paraibana³⁰. Durante os primeiros anos de atuação, o Instituto, sob a “presidência estimulante de Flávio Maroja, que dirigiu o Instituto nas duas primeiras décadas do século XX”, tornou-se a Casa da Memória da Paraíba.

Como vimos, Flávio Maroja passou sua vida conciliando o ofício de médico com a política e as entidades que ele mesmo ajudou a criar. Ainda hoje é lembrado na memória dos médicos, não apenas pela sua contribuição no processo de higienização da cidade e do corpo na capital paraibana, mas também, por aspectos pessoais que chamavam atenção, como sua “memória de elefante”, que “tinha a capacidade de reter, não somente fatos antigos, como também os mais recentes, em tal número de causar espanto”. Durante os cinquenta anos que esteve à frente do Hospital Santa Isabel, “praticou uma verdadeira filantropia: visitava com frequência, as instituições de assistência aos pobres [...] levando palavras de conforto, e até, para as crianças, brinquedos e guloseimas”³¹.

Já de idade avançada, aproveitava as horas destinadas ao repouso para proferir conferências sobre higiene às massas operárias nas fábricas de tecidos, em Santa Rita, e nos maiores estabelecimentos industriais da cidade da Parahyba, nas redações dos jornais e nas escolas públicas. Faleceu aos setenta e cinco anos de idade, no dia 15 de fevereiro de 1940. Em vida, empenhou-se na árdua tarefa de implantar uma educação de corpos hígidos. Trouxe, nas primeiras décadas do século XX, o tema da higienização e eugenia para a discussão.

“Seja a salvação do povo a suprema lei”: o político

Como outros tantos bacharéis vinculados à oligarquia agrária na transição dos séculos XIX e XX, ocupou cargos eletivos e participou do jogo partidário. O que

²⁸ DIAS, Margarida Maria Santos. *Intrépida ab origine: o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a produção da história local - 1905/1930*. João Pessoa: Almeida, 1996, p. 05-06.

²⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 99.

³⁰ Vale ressaltar que os autores vinculados ao IHGP falam de *um lugar*. É reconhecer que a “História da Paraíba, descrita pela Revista, arraigada em nosso imaginário, simbolizada pelos monumentos e documentos, não é a História da Paraíba, trata-se de *uma* História da Paraíba [...] tem sua historicidade, seu lugar social, é portadora de interesses, vinculações políticas, organizada por idéias estabelecidas sobre História, educação, política e papel do historiador”. DIAS, *Intrépida ab origine...*, p. 10.

³¹ SILVA, *Médicos militares...*, p. 74.

se pôde apurar dessa atividade do Dr. Maroja sugere que ele, em mais de uma ocasião, abdicou de voos mais altos nesse âmbito, porque privilegiou a dedicação de seu tempo e de seu talento às instituições culturais, científicas e assistenciais que ajudou a fundar na Paraíba. Embora não estivesse desvinculado da política oligárquica de base familiar típica no período, Flávio Maroja parece ter mantido uma coerência entre os projetos científico-culturais que sempre defendeu e sua carreira de homem político.

Em 19 de dezembro de 1888, a *Gazeta de Notícias* fez circular nas ruas do Rio de Janeiro a defesa de tese de Flávio Maroja na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sido aprovado plenamente com outros quatro colegas. Poucos dias depois, aportaria “o jovem médico de croasê e cartola, traje típico do médico naquele tempo, no porto de Jacaré, – ancoradouro dos primitivos navios de roda, localizado entre Cabedelo” e a cidade da Parahyba³². O esforço empreendido para a obtenção do bacharelado seria determinante na projeção social e política de Flávio Maroja na Paraíba que o recebia nos estertores do Império e o alçaria a altos cargos na República Velha.

Logo na manhã de 21 de janeiro de 1889, um mês após a graduação, o Barão do Abiaí, Presidente da Província da Paraíba, acompanhou o novo médico paraibano ao município do Pilar, a fim de prestar uma visita ao cunhado e à irmã do Dr. Flávio, José Maria Ferreira da Silva e Débora Emília. Toda a viagem revestiu-se da pompa e dos holofotes de um evento político, com direito a banda de música na partida da capital, a cuja estação ferroviária acorreram “alguns de seus íntimos amigos e outras pessoas de elevada posição social”. Após paradas e cumprimentos nas estações de Reis e da Coitesteria, o grupo chegou à do Pilar, “à qual haviam afluído as pessoas mais importantes da vila e suas circunvizinhanças”. No caminho para a casa de residência do Dr. José Maria, “a banda de música executou seletas peças; fenderam os ares numerosos foguetes, queimados em girândolas e partidos de vários pontos”³³.

Os nomes citados na reportagem do *Jornal da Parahyba* sugerem a aproximação de Flávio Maroja com o Partido Conservador. Além do órgão de imprensa que noticiou o evento ser vinculado aos conservadores, o Barão do Abiaí foi o último chefe dessa agremiação antes da Proclamação da República; como sua família, os Carneiro da Cunha, militou nas hostes conservadoras ao longo do Segundo Reinado. Numa época em que os casamentos entre famílias e partidos determinavam-se mutuamente³⁴, Flávio Maroja casou com uma sobrinha do Barão do Abiaí, Maria da Purificação Carneiro da Cunha. Era sobrinha também do Deputado à Assembleia Geral Anísio Salatiel Carneiro da Cunha.

A queda do Império, embora tenha representado uma ruptura importante quanto à centralização política nacional em favor do federalismo, não retirou do poder os grupos sociais que, na Paraíba, tradicionalmente o detinham. Nesse contexto, apesar da deposição imediata de seu parente por afinidade, o Barão do

³² MAROJA FILHO, Flávio. “Meu pai continua vivo na minha memória e na minha lembrança”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, João Pessoa, n. 15, 1964, p. 241.

³³ *Jornal da Parahyba*, Parahyba, n. 2741, ano XXVIII, 26 jan. 1889.

³⁴ Cf.: MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Gente opulenta e de boa linhagem: família, política e relações de poder na Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

Abiaí, Flávio Maroja foi eleito deputado estadual constituinte, o nono mais votado, com 13.247 votos, conforme noticiado pelo *Jornal do Recife* na edição de 7 de junho de 1891. Participou da elaboração da primeira Constituição da Paraíba após a Proclamação da República, em 1891, como aliado do Presidente Estadual Venâncio Neiva. Logo em seguida, Deodoro da Fonseca deixou o comando do Executivo Federal, a primeira constituinte foi dissolvida, e a oligarquia venancista, obrigada a ceder o comando político paraibano à oligarquia alvarista-walfredista. Segundo o Cônego Francisco Lima, Flávio Maroja

*[...] era lealdoso e sincero para com o partido político em cujas fileiras militava, estivesse ele no poder ou no ostracismo. Caíra, com o venancismo na última década do século XIX, e só se reerguera, com o venancismo, que Epitácio Pessoa fizera ressurgir na segunda década do século XX.*³⁵

Em 1900, ainda se encontrava Flávio Maroja na oposição à oligarquia Machado-Leal e vinculado à Neiva-Pessoa, isto é, aos chamados autonomistas que se opuseram à ditadura florianista. Naquele ano, foi candidato a Vice-Presidente da Paraíba pelo Partido Republicano, de oposição. Instaurou-se um impasse pós-eleitoral na política paraibana, conforme publicado no jornal recifense *A Província* de 24 de outubro de 1900, tanto a chapa situacionista, encabeçada por José Peregrino de Araújo, quanto a oposicionista, liderada por Antonio Massa. Estavam “de posse do governo da Parahyba [...], ambos eleitos por unanimidade de votos e ambos à espera do reconhecimento”³⁶ do Presidente em exercício, Rosa e Silva. Levou a melhor o primeiro, e Flávio Maroja não teve reconhecido seu mandato de Vice-Presidente.

Como mencionado, com a ascensão do epitacismo, a roupa nova do venancismo, Flávio Maroja foi eleito Deputado Estadual de 1916 a 1919, quando governava a Paraíba o também médico Francisco Camilo de Holanda. Reeleito em 1920, também ocupou o cargo de Vice-Presidente no quadriênio de Sólon de Lucena, até 1924. A presença do sanitarista Flávio Maroja nesses altos cargos provavelmente impulsionou o saneamento da capital paraibana pelo Presidente Lucena, algo que o médico defendia desde o início do século XX, por meio da imprensa³⁷, ainda nas alas oposicionistas.

Consta nos escritos na edição de 5 de novembro de 1930 d’*A União* um artigo face a vitória do Movimento de 1930. Nesse texto, Flávio Maroja faz interessante retrospecto da política nacional desde o ocaso do Império até àquela hora. Informamos o seguinte:

³⁵ LIMA, Francisco. “Flávio Maroja: aspectos de sua vida e de sua obra”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano*, João Pessoa, n. 15, 1964, p. 232.

³⁶ *A Província*, Recife, 24 out. 1900.

³⁷ ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes de. *Espaços públicos em João Pessoa (1889-1940): formas, usos e nomes*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos; Universidade de São Paulo. São Carlos, 2006, p. 105.

*Deixei a política desde novembro de 1924, conforme fiz ciente aos chefes e próceres do partido, – isto sem barulho, sem espalhafato, sem recorrer à higiene para desinfetar a casa, ou à polícia para apresentar a minha queixa. Mas, deixei, entediado dos processos da política que se não enquadravam bem com o meu modo de pensar, de sentir e de ver as cousas pelo prisma que eu imaginava.*³⁸

Segundo seu relato, Flávio Maroja passou a esquivar-se das interpelações que lhe faziam quanto a seu posicionamento político com a entrega de um cartão em que se lia: “Em mim não vejam mais o homem político, – mas continuem a ver o paraibano que, desde o início de sua vida pública, que data de 1889, tem sabido amar a sua terra e procurado bem servi-la”. Com a discrição e a parcimônia que lhe eram características, ele não revelou os motivos concretos do que denominou tédio dos processos da política, e, isso se coadunava com seu interesse maior em promover as instituições de cujas fundação e manutenção participava ativamente. Desse modo, afirma no mesmo artigo:

*Deixei a política; nem por isto, convém dizê-lo, deixei os velhos amigos, que me não fizeram de bexiguento, evitando-me, e subindo, quando necessário, as escadas do Palácio a fim de, perante o governo do Estado pleitear favores para o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e para a Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, – dois grêmios que estão presos a mim como a sombra ao corpo. E nunca, devo dizê-lo, fui desatendido.*³⁹

Flávio Maroja alega que não nasceu para ser político. “Faltavam-me, além de outros predicados indispensáveis, o gosto e o jeito”. Afirma, no referido artigo em *A União*, que seu amor pela Paraíba o levou a recusar servir na *Diretoria Geral de Saúde Pública* no Rio de Janeiro, a convite de um colega médico, assim como a ser removido para o mesmo posto durante a Presidência de seu amigo Epitácio Pessoa. De acordo com o já citado Cônego Francisco Lima, “a mesma atitude teve quando Epitácio Pessoa, chefe do partido situacionista em cujas hostes militava Flávio Maroja, (...) lhe oferecera uma cadeira do Parlamento da República”.

O Cônego Francisco Lima insere Flávio Maroja no que chama de panteão republicano na Paraíba, ao lado de Aristides Lobo, Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Almeida Barreto, Epitácio Pessoa, Pedro Américo, Valfredo Leal, Castro Pinto, Cunha Pedrosa. Esses formariam a Primeira Geração Republicana, que entregou o bastão aos vitoriosos de 1930. Segundo o religioso e dito historiador, que presidiu o IHGP,

³⁸ *A União*, Cidade da Parahyba, 05 nov. 1930.

³⁹ *A União*, Cidade da Parahyba, 05 nov. 1930.

Flávio Maroja não teme confronto com nenhum deles, à luz da sua biografia, do seu amor à Terra Mãe, do seu idealismo equilibrado e operante, de sua atuação sócio-cultural em nosso meio como homem público, como chefe de família, como profissional da Medicina, como espírito cuja capacidade de sentir e cujo poder de irradiação o sagravam pioneiro e líder nas pugnas do pensamento e na cruzada por um mundo melhor.⁴⁰

Em 1964, no centenário de nascimento de Flávio Maroja, várias homenagens foram prestadas ao médico, político e intelectual pelo Governo do Estado, pela Assembleia Legislativa, pela Câmara Municipal de João Pessoa, pelo Hospital Santa Isabel e pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, que ele presidira por mais de duas décadas e de que era Presidente de Honra *in perpetuo*, desde que seu estado de saúde o impedira de continuar à frente da instituição, no começo da década de 1930. O Cônego Francisco Lima, Presidente do IHGP na ocasião do centenário, conheceu Flávio Maroja, ainda quando seminarista, época em que o médico cuidava da saúde dos futuros padres, aos quais já tratava reverencialmente pelo vocativo de “padres-mestres” e ministrava palestras sobre higiene. Perante consócios do Instituto, familiares do homenageado, amigos da família Maroja e demais presentes, resumiu assim a vida política do homenageado: “sendo a política para Flávio Maroja o serviço público realizado na linha da moderação, da experiência e do senso comum no conceito de Rui Barbosa, tinha como lema o “*salus populi suprema lex esto*”: “seja a salvação do povo a suprema lei”.

O combate à imundície e à indolência: os projetos médico-pedagógicos

Publicou nos principais divulgadores de saber da Paraíba. Desde aqueles de maior impressão, até os de singela circulação. Dos periódicos *A União*, *A Imprensa*, *Jornal da Parahyba*, *O Commercio*, *Revista Era Nova*, era freguês. Entre as décadas de 1910 a 1930 tornou-se bastante comum deparar-se com artigos, notícias, poemas, informes, declarações, pronunciamentos, fotografias, homenagens, dizeres, anotações, prescrições e normas de conduta escritas pelo médico sanitarista Flávio Maroja e publicados nas páginas amareladas desses veículos de saber. Acompanhar esses escritos nos fez perceber a existência de dois projetos médicos-pedagógicos, o primeiro que buscou por meio da imprensa educar higienicamente a população paraibana vigente até meados da terceira década do vigésimo século; o segundo, em que o sanitarista migra seu olhar clínico para as escolas, defendendo ser a infância a fase por excelência de disciplinamento, capaz de criar corpos sadios, fortes e educados.

Defendida no ano de 2011 sob o título de “Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)”, o trabalho de Soares Júnior apresentou o primeiro projeto, que apesar dos esforços do Dr. Flávio Maroja, estava fadado ao fracasso. Nesse primeiro momento, que coincide com o período de sua forte atuação médica

⁴⁰ LIMA, “Flávio Maroja...”, p. 229.

e política, sua voz bradou de forma contundente chamando atenção para a necessidade de mudanças na condução da higiene pública e privada. A Paraíba foi constantemente atacada por uma série de epidemias que adentravam sem pedir licença, instauravam-se nos corpos e disseminavam o caos. Foi assim no ano de 1912 com a peste bubônica, em 1918 com a influenza espanhola e tantas outras com a varíola e a febre amarela. As cidades paraibanas clamavam por socorro. Estavam higienicamente sob o domínio do abandono.

Apesar dos novos ares da modernidade que sopravam com o advento da República, os modelos propostos de higienização não solucionavam o problema. Foi tentando combater a imundície que se instituiu por orientação dos médicos sanitaristas o *Serviço de Higiene*. Para legitimar a importância da criação dessa repartição, Flávio Maroja teceu narrativas na edição d'A *União* de 03 de setembro de 1911 sobre a higiene da cidade da Parahyba:

Quem conhece certas práticas usuas de grande parte da nossa população, inconsciente talvez dos perigos a que se expõe conservando por longas horas no interior das casas matérias fermentecíveis, como no lixo, e tendo no fundo dos quintaes uma coisa asquerosa e nauseabunda, – contra as regras da mais rudimentar hygiene, a que dão o nome de latrina; quem sabe que mesmo nas ruas principaes desta cidade hás casas, que nem essa coisa repugnante possuem, fazendo-se o despejo dessas matérias fecaes nos espessos matagaes que ainda embellezam os fundos, apesar de quase toda a extensão das ruas.

[...]

Ao lado das fezes, encontra-se o lixo composto de toda sorte de detritos orgânicos animaes e vegetaes em fermentação e armazenados em immundos caixões a um canto das casinhas.

[...]

Pobres criancinhas que brincam pelas calçadas! São obrigadas a respirar o ar fétido e pelas condições de sua receptividade mórbida, vão muitas vezes se intoxicar, inconsciente da nocividade do elemento deletério que por longas horas ali permanece.⁴¹

São denúncias das péssimas condições de higiene nas primeiras décadas do vigésimo século. A exposição acima não parece nada agradável, uma cena de horror. A podridão que exalava da imundície causaria hoje mal estar ao nosso olfato. Seria um centro proliferador de doenças que brotavam do lixo e bailavam no ar adentrando corpos e contaminando-os. Causavam estragos pelo ar, ou como diria Alain Corbin⁴², por simples contato com a pele ou membrana pulmonar, por

⁴¹ A *União*, Cidade da Parahyba, 03 set. 1911. Grifos nossos.

⁴² CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 19.

substituições através dos poros por ingestão direta ou indireta, uma vez que até os alimentos também contêm uma proporção de ar de que poderão se impregnar, de início, o quilo e, em seguida o sangue. Portanto, as secreções da miséria “deveriam ser combatidas todos os dias, para abolir as exalações de todos os humores podres, e, só assim, liberar os odores individuais da respiração, reveladoras de identidade profunda do eu”⁴³. Repugnar os fortes odores do povo, dos retirantes, dos mendigos, dos sujeitos é, sem dúvida, tornar-se cada vez mais sensível à respiração dessas perturbadoras mensagens da intimidade dos corpos.

Os problemas de higiene eram incontáveis: no abastecimento de água, escoamento dos esgotos, remoção de lixo, insalubridade urbana e nenhuma educação higiênica. Foi nesse cenário que começaram a surgir as primeiras ações referentes à atuação do Serviço de Higiene Pública. Esse Serviço, foi constituído a princípio pela Inspectoria de Higiene (1895-1911), que, em se tratando de hierarquia, comandava o primeiro formato do Serviço de Higiene Pública e o Serviço de Higiene Pública do Estado da Parahyba (1911-1918), sendo criado logo em seguida o Departamento de Profilaxia Rural.

Em que consistia a diferença entre a Inspeção de Higiene e o Serviço de Higiene? Afora o fato de que são instituídas em períodos distintos, em quase tudo se assemelham: existiam na legislação, mas funcionavam apenas em determinados momentos de perigo. Ambas tinham um caráter policialesco: averiguar e punir. Quase nenhuma pena aplicada. Poderíamos, enfaticamente, afirmar que o projeto fora apenas repaginado e logo em seguida, faliu pelos mesmos problemas, mas não seria de todo verdadeiro. Tinha nos primeiros anos do século XX a incansável batalha do médico-sanitarista Flávio Maroja que via apenas ser possível mudar o quadro anti-higiênico através da criação de uma educação sanitária, aos moldes dos padrões europeus e norte-americanos.

Mesmo respondendo por um projeto que ele mesmo denunciava por suas falhas e cujo fracasso percebia, buscou outras formas de divulgar uma educação higiênica e a circulação de um saber médico que precisava ser revelado. Utilizou-se do prestígio político que possuía para publicar quase que diariamente textos que defendiam uma cidade limpa e corpos higienizados. Os jornais *A Imprensa* e *A União* se encarregaram de ser o porta voz de Flávio Maroja. Seus ditos tinham páginas certas: eram preenchidos com denúncias de insalubridades, discursos morais; versavam sobre uma educação higiênica que almejava implantar, continham os cuidados com o corpo, incentivavam a atividade física, especialmente a ginástica sueca, anunciava a higiene e a educação física como características de uma sociedade evoluída que via na eugenia a melhor forma de regeneração física e moral.

Era o homem de maior contato com os sanitaristas da capital federal, dentre eles Renato Kehl e Belizário Penna. Trocava frequentemente cartas, notícias e artigos que rapidamente eram publicadas quase que de forma sagrada. Suas anotações particulares, versavam sobre educação higiênica. Em quase todas as publicações, vinha a seguinte anotação “Artigo enviado por Renato Kehl”; “Texto enviado por Monteiro Lobato”; “Direto da Capital Federal, por Belizário Pena”. O contato

⁴³ SOARES JR., Azemar dos Santos. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

e amizade com esses sanitaristas pareciam ser tão forte que em uma das cartas enviadas por Belizário Penna a Flávio Maroja fica explícito o respeito e apreço pela imagem pessoal e dedicação a cruzada higiênica:

Meu caro amigo, [Flávio] Maroja;
Embora retardado, não é menos sincero e grato o meu agradecimento, por seu intermédio a esta boa e hospitaleira gente pelo carinho com que recebeu e tratou durante os poucos e rápidos dias que ahi passei.
Nunca se me apagarão da memória, e gravadas ficarão indelevelmente no meu coração a fidalga acolhida e os carinhos que recebi na terra dos ascendentes maternos de meus filhos, graças, em grande parte, ao generoso amigo, que, desde muito, cumula o meu nome de honroso qualificativo, e atribui à minha campanha saneadora a que já se vai realizando no sentido do saneamento do Brasil.
Se já o estimava pelos primorosos dotes pessoais e o seu entusiasmo e esforço proficuo em prol da educação higiênica do nosso povo, essa estima se consolidou agora indestrutivelmente, após a convivência de poucos e rápidos dias com o querido amigo, quando pude apreciar devidamente a sua dedicação patriótica e abnegada à causa do saneamento.
Estamos vencendo, meu caro Maroja; a Campanha infiltrou em todos os espíritos, ganhando todas as camadas e vai afastando todos os tropeços que embargavam os seus passos.⁴⁴

Tudo aquilo que tratava de higiene e saúde pública interessava ao sanitarista. Nesta mesma carta, Belizário Penna expõe a Flávio Maroja o sério problema das verminoses que rastejam pelas areias úmidas da Paraíba. Portanto, orienta o paraibano da inviabilidade de “expurgar toda gente de verme, duas vezes ao ano”, daí afirma que a melhor saída será sempre fortalecer o físico das crianças e esclarecer a população por meio da informação, que “compreenderá afinal, as vantagens da medida fundamental de prevenção – a fossa, que passará a ser construída e usada voluntariamente, por convicção de sua necessidade”⁴⁵. Era, portanto, preciso um forte incentivo à educação higiênica que fosse capaz de convencer a população da necessidade de lutar contra a indolência e a fraqueza, de sua insignificante produção e da deficiente alimentação. Para tanto, o sanitarista carioca defendia a implantação de uma educação higiênica escolar, defendida também por Flávio Maroja com bastante força a partir da década de 1920.

Ainda sob o governo do Serviço de Higiene, Flávio Maroja tratou de incentivar as disciplinas de Higiene e Educação Física nas escolas, sendo inseridas no currículo

⁴⁴ Carta de Belizário Penna a Flávio Maroja, 01 mai. 1926. Grifos nossos.

⁴⁵ Carta de Belizário Penna a Flávio Maroja, 01 mai. 1926.

escolar das instituições privadas da capital a partir de 1913. Foi o caso do Colégio Nossa Senhora das Neves, Escola de Artífices Marinheiros e do Colégio Pio X. A defesa dessas disciplinas fazia parte do programa eugênico postulado pelo médico, que almejava a existência de um povo, e o que tínhamos não era um povo, mas um estrume dum povo que ainda há de vir.

Comungava com Renato Kehl⁴⁶, ao desejar que os corpos dos brasileiros fossem hígidos, limpos, como se fossem roupas sujas que a todo custo precisavam ser lavadas. Defendia que a nacionalidade brasileira só embranqueceria a custa de muito sabão de coco ariano. Os eugenistas deveriam agir com uma imagem de limpeza: esfregando, torcendo, branqueando os corpos de homens e mulheres. É válido ressaltar que a constatação, por parte dos europeus, da impossibilidade de progresso do Brasil em virtude da sua composição racial fez nascer, na intelectualidade brasileira, a necessidade de formar um conhecimento sobre o país.

Os ânimos estavam bastante acalorados com o alvorecer dos anos 1920. Sepultado em 1918, o Serviço de Higiene deu lugar a Comissão de Profilaxia Rural, que contou com o entusiasmo de vários médicos sanitaristas: Flávio Maroja, Acácio Pires, Seixas Maia, Octávio de Freitas, Oscar de Castro, dentre outros. Chegava a hora de corrigir os erros do passado. A proposta da Educação Higiénica defendida por Flávio Maroja não alcançou o objetivo desejado pelo fato de o sanitarista utilizar apenas jornais e revistas da época para divulgar um saber médico responsável por criar cidadãos conscientes dos cuidados com a saúde, com a higiene e com o corpo. Ora, era bastante alto o número de analfabetos no começo do século XX, além do mais, apenas uma pequenina parcela da população – uma elite letrada – tinha acesso aos jornais. Dessa forma, os textos atingiam a um número bastante pequeno de pessoas para atender às necessidades do programa de educação higiênica proposto.

Vale ressaltar que as próprias publicações eram voltadas para um público de alto poder aquisitivo, pois se tratando de modelo escolar, só estavam sendo divulgadas as que ofereciam aulas de ginástica e gabinetes de higiene. Quando o assunto era o belo e o moderno, as melhores lojas e produtos franceses estavam à disposição daqueles que desejassem, bastavam dirigirem-se às boticas, farmácias, perfumarias e alfaiatarias desenhadas pelos anúncios e comprar aquilo que estava em voga, que era sinônimo de limpeza e beleza.

Flávio Maroja passou por todos os cuidados com o corpo. Tratou de falar do cuidado com as unhas, o tipo de corte ideal para o modelo higiênico; o cuidado com os cabelos, olhos, ouvidos, nariz e boca. Apresentou as melhores loções e poções fabricadas para limpar determinadas partes do corpo. Falou dos pés, das mãos, do pescoço. Defendeu o cuidado com a higiene dos alimentos e da água. Ensinou técnicas de asseio da casa, das panelas, dos utensílios, dos quartos, salas e cozinhas. Nem as plantas escaparam: precisavam ser podadas e regadas. Tratou ainda de higienizar as amizades. Sempre alegava a existência de falsos amigos, que, por sua vez, deveriam ser eliminados de seu convívio, posto na lata de lixo.

⁴⁶ Renato Kehl foi o maior propagandista da eugenia brasileira, inspirando diversos médicos que se envolveram fervorosamente em defesa da pureza da raça e da limpeza no Brasil, defendendo políticas compulsórias como restrição a imigração, a esterilização e o controle de casamentos.

Percebeu que para alcançar seu objetivo principal tinha que mudar de tática. Viu que não conseguiria lançar um modelo de educação higiênica publicando apenas nos jornais e revistas locais. Resolveu seguir o conselho de Belizário Penna e investir na escola. Mirou todo seu empenho para essas instituições que ensinavam as crianças a ler e a escrever. Era o lugar ideal para educar. Sua intenção passou a ser educar a infância por meio de um currículo médico-pedagógico. Começava a defender que os corpos deveriam ser saudáveis, fortes e inteligentes. Lançou ainda um dever sobre as crianças: levar essa educação higiênica para suas casas; educar seus familiares, incentivar a prática de esportes e os cuidados com a higiene. Lançou as bases de seu segundo projeto: o médico-pedagógico.

Considerações Finais

Poderíamos afirmar que seus projetos médico-pedagógicos foram vitoriosos. Mas isso não seria de todo verdadeiro. Após sua formação médica e as aventuras vividas pelo interior do Brasil, Flávio Maroja retornou a Paraíba onde passou a clinicar e a defender aquilo que décadas a frente foi chamada de “saúde para todos”. Ao direcionar a *Saúde Pública* do Estado da Paraíba, percebeu que só a legislação em vigor normatizando a higiene da cidade, das casas e dos corpos não seria suficiente para incutir uma educação sanitária. A legislação da saúde promulgada pelo Estado paraibano ao longo das duas primeiras décadas do vigésimo século, pautada na ideia do “cumpra-se” – na visão de Flávio Maroja – estava fadado ao fracasso. Para tanto, resolveu apropriar-se dos dispositivos midiáticos em circulação na capital da Paraíba para publicar seus escritos que visavam educar sua gente. Publicou as orientações vindas diretamente da Capital Federal, em sua maioria, enviadas por seus amigos de profissão, Belisário Pena e Renato Kehl.

Seus discursos ganharam sonoridades nas páginas dessa imprensa. Possível, graças a sua atuação política e o espaço galgado junto a oligarquia *Epitacista*. Seu prestígio político se alargou consideravelmente, também no campo intelectual: publicou não apenas nos jornais, mas também nos periódicos considerados na época como “científicos”, foi o caso da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, instituição da qual foi membro fundador e presidente por longos anos. Ainda no campo “científico”, tratou de espalhar seus escritos nos anais da *Semana Médica* e em diversos livros sempre denunciando o mau estado de salubridade do estado e a ineficiente educação da saúde. Apesar de seus esforços, seu projeto não abarcava toda a população. O número de pessoas letradas e que tinham acesso aos periódicos contendo as normas médico-pedagógicas eram bastante parcas. Assim, não chegava a maior parte da população tais discursos.

Dessa forma, o sanitarista Flávio Maroja, percebeu que por meio das publicações não seria possível atingir seu objetivo: educar higienicamente a população. Resolveu migrar seu olhar para a infância e para as escolas. Juntou esforços para medicalizar as escolas. Sua nova proposta: educar as crianças através das disciplinas de Higiene e Educação Física. Incutidas das normas higiênicas as crianças se tornariam fortes e saudáveis, além de levar esses princípios para suas famílias. História que contaremos noutro momento.

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar as contribuições do sanitarista paraibano Flávio Maroja no combate a falta de higiene através da implantação de uma proposta médico-pedagógica na primeira metade do século XX. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, esse médico dedicou parte de sua vida ao ofício de medicar, guerrear contra as doenças e fazer circular saberes que visavam educar a população paraibana por meio dos princípios da saúde. Para isso, tratou de utilizar seu prestígio enquanto médico e político para publicar nos periódicos denúncias contra a insalubridade e aquilo que havia de mais moderno sobre educação sanitária. Problematicamos por meio de seus escritos, as diversas tentativas de educar higienicamente a população paraibana, possível a partir do embasamento da História Cultural que alargou os temas e fontes para a produção da História. Portanto, foi através de cartas, relatórios e publicações timbradas nas páginas dos periódicos em circulação da Paraíba – *A União, A Imprensa, Era Nova* – que essa história tornou-se possível.

Palavras Chave: Higiene; Saúde; Educação.

ABSTRACT

This paper aims to analyse the contributions of Paraíba sanitarian Flávio Maroja in combating poor Hygiene by implementing a medical-pedagogical proposal in the first half of the twentieth century. Graduated from the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro, this doctor has devoted much of his life to the craft of medicating, fighting against diseases and circulating knowledge aimed at educating the population through the principles of health. On this purpose, he tried to use his prestige as a physician and a politician to publish press articles against unsanitary living conditions as well as on what was most modern in health education. Problematic through his writings, the various attempts to educate and sanitize the Paraíba population, possible from the basement of the Cultural History which broadened the topics and sources for the production of history. So it was through letters, reports and publications stamped on the pages of newspapers in circulation of Paraíba – *A União, A Imprensa, Era Nova* – that this story was made possible.

Keywords: Hygiene; Health; Education.

Artigo recebido em 11 set. 2014.

Aprovado em 14 nov. 2014.